



“O beijo através do Atlântico”: a análise da cobertura noticiosa das revistas *Ilustração Portuguesa* e *ABC* sobre o centenário da independência do Brasil (1922)

Celiana AZEVEDO¹

Jorge Pedro SOUSA²

Resumo:

A 7 de setembro de 1822, após mais de três séculos sujeito a Portugal, o Brasil proclamou a sua independência. Cem anos mais tarde, a independência do Brasil foi motivo de celebração em ambos os países, com a imprensa portuguesa a fazer uma ampla cobertura do acontecimento. Esta pesquisa tem como objetivo responder à seguinte pergunta: de que forma a imprensa portuguesa, mais especificamente, as revistas de informação geral cobriram as festas do centenário da independência brasileira em Portugal e no Brasil? Para isso, foi realizada uma análise qualitativa do discurso de todos os números da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC* publicados entre agosto e dezembro de 1922. A análise incidu nas sequências discursivas e nos exemplos iconográficos interpretados, desde um olhar hermenêutico e heurístico. Concluiu-se que a cobertura do centenário da independência foi lusocêntrica.

Palavras-chave: revistas; centenário de independência; Brasil; Portugal.

“The kiss across the Atlantic”: the analysis of the news coverage of the magazines *Ilustração Portuguesa* and *ABC* on the centenary of the independence of Brazil (1922)

Abstract:

On September 7 of 1822, after more than three centuries as a colony of Portugal, Brazil proclaimed its independence. One hundred years later, Brazil's independence was a cause for celebration in both countries, with the Portuguese press covering the event extensively. This research aims to answer the following question: how the Portuguese press, more specifically, the general information magazines covered the centenary of Brazilian independence in Portugal and in Brazil? A qualitative analysis of the discourse of all the issues of *Ilustração Portuguesa* and *ABC* published between August and December 1922 was carried out. The analysis focused on discursive sequences and iconographic examples interpreted from a hermeneutic and heuristic perspective. It was concluded that the coverage of the centenary of independence was lusocentric.

Keywords: magazines; centenary of independence; Brazil; Portugal.

¹ Professora Doutora, Escola Superior de Educação - IPS, FCSH-UNL, ICNOVA. *E-mail:* celiana.azevedo@ese.ips.pt

² Professor Catedrático, Universidade Fernando Pessoa, ICNOVA. *E-mail:* jpsousa@ufp.edu.pt





“El beso a través del Atlántico”: el análisis de la cobertura noticiosa de las revistas *Ilustración Portuguesa* y *ABC* sobre el centenario de la independencia de Brasil (1922)

Resumen:

En el 7 de septiembre de 1822, después de más de tres siglos como colonia de Portugal, Brasil proclamó su independencia. Cien años más tarde, la independencia de Brasil fue motivo de celebración en ambos países, con la prensa portuguesa haciendo una amplia cobertura del acontecimiento. Esta investigación tiene como objetivo responder a la siguiente pregunta: ¿de qué forma la prensa portuguesa, más específicamente, las revistas de información general cubrieron las fiestas del centenario de la independencia brasileña en Portugal y en Brasil? Para ello, se realizó un análisis cualitativo del discurso de todos los números de la *Ilustración Portuguesa* y de la *ABC* publicados entre agosto y diciembre de 1922. El análisis incidió en las secuencias discursivas y en los ejemplos iconográficos interpretados, desde una mirada hermenéutica y heurística. Se concluyó que la cobertura del centenario de la independencia fue lusocéntrica.

Palabras clave: revistas; centenario de independencia; Brasil; Portugal.

Introdução e estado da questão

A 7 de setembro de 1822, após mais de três séculos unido a Portugal, o vice-reino do Brasil proclamou a sua independência. Nasceu o Império Brasileiro, o qual, em 1889, se tornou a República Federativa do Brasil. Cem anos mais tarde, a 7 de setembro de 1922, a independência do Brasil foi motivo de celebração. Os festejos duraram meses. O Brasil era já o maior país lusófono.

O centenário da independência brasileira foi coberto pelos media em Portugal, país ao qual o Brasil tinha estado unido até cem anos antes? Se o foi, como a efeméride foi enquadrada? Que representação mediática se fazia do Brasil nos media portugueses, após cem anos de independência? Qual era a imagem que os media portugueses davam do Brasil e como essa imagem se poderá ter projetado no imaginário compartilhado dos portugueses sobre o Brasil?

Numa tentativa de contribuir para responder às perguntas que constituem o problema de partida, o objetivo desta pesquisa é apurar os enquadramentos discursivos com que as revistas *Ilustração Portuguesa* e a *ABC – Revista Portuguesa* perspetivaram o centenário da independência do Brasil. A partir da inventariação desses enquadramentos, tentou traçar-se a imagem que ambas as publicações projetavam do Brasil.

Escolheu-se a *Ilustração Portuguesa* e a *ABC* para objetos da pesquisa porque, enquanto revistas ilustradas politicamente independentes e apertadas, penetravam transversalmente toda a sociedade portuguesa (SOUSA, 2017).



Tendo em conta, conforme Bignami (2002), que os mitos associados à imagem externa de uma nação, em concreto o Brasil, têm raízes históricas e culturais profundas, partiu-se da hipótese de que, passados cem anos da independência brasileira, as imagens mediáticas do Brasil na imprensa portuguesa refletiam alguns dos mitos perenes sobre o Brasil em Portugal, designadamente o do “país-irmão”, paraíso tropical e terra de oportunidades, conforme concluíram várias pesquisas sobre o tema (SOUSA, 2004; VIANA, 2014, 2020; LOPES; SOUSA, 2019).

Referencial teórico

Responder às perguntas que constituíram o problema de partida e testar a hipótese avançada implica, na linha de Silverstone (2002), reconhecer nos media instituições sociais produtoras, mediadoras e difusoras de significados, dentro de uma determinada cultura. Por outras palavras, nas sociedades moldadas pelos media, as pessoas são, em parte, suscetíveis e sensíveis à mediação simbólica exercida pelos meios de comunicação para atribuírem sentidos para o mundo. A mediatização corresponde, nesse âmbito, a uma materialização do sentido dos discursos patentes nos meios de comunicação, que assim se autonomizam dos seus autores e perduram no tempo (VERÓN, 2013). Implica, igualmente, reconhecer que, ao proporem, pelo discurso, enquadramentos para acontecimentos e assuntos de um determinado país, os media participam na construção, reconstrução e expressão discursiva da sua imagem e do imaginário que sobre este se constrói, tal como emerge das pesquisas já realizadas sobre as imagens do Brasil nos media estrangeiros (SOUSA, 2004; HUGON, 2006; PAGANOTTI, 2007, 2009; SCHEYERL; SIQUEIRA, 2008; LOPES, 2010; VIANA, 2014, 2020; RASIA, 2014; BARRERE, 2017; LOPES; SOUSA, 2019), das quais quatro especificamente na imprensa portuguesa (SOUSA, 2004; VIANA 2014, 2020; LOPES; SOUSA, 2019).

O referencial teórico da investigação aglutina três conceitos centrais: noticiabilidade, enquadramento e imagem mediática. A noticiabilidade explica por que razão o centenário do Brasil foi notícia em Portugal. Por noticiabilidade pode considerar-se o conjunto de qualidades que tornam notável um facto singular, salientando-o dos incontáveis factos que constituem a malha da realidade e elevando-o à categoria de acontecimento digno de se tornar notícia.

Notícia é, portanto, o que é notável, por apresentar determinadas qualidades, conforme intuíram Galtung e Ruge (1965), primeiros autores a proporem uma lista de valores-notícia.

Os valores da notícia, isto é, as qualidades que tornam um facto real saliente e notado são historicamente estáveis, orientam o julgamento noticioso e, portanto, a produção jornalística (STEPHENS, 1988; TRAQUINA, 2002). São, pois, critérios de noticiabilidade. Regem a seleção noticiosa, quer se considerem desde uma perspectiva cultural (para explicar o que é notícia), quer normativa (como justificação do julgamento noticioso e da seleção noticiosa).

Selecionar os factos notáveis, como o centenário da independência do Brasil, para se tornarem notícia em função da sua noticiabilidade já significa enquadrá-los. A valoração de um facto de maneira a elevá-lo à categoria de acontecimento noticiável, tornando-o saliente na superfície aplanada da multiplicidade de factos da realidade material, é verdadeiramente enquadrá-lo, dando-lhe importância como notícia (ORGAD, 2012). A noticiabilidade está, pois, associada à noção de enquadramento.

Noticiar constitui, assim, uma proposta de enquadramento do mundo, já que define algo como importante, notável, em detrimento da incontável multiplicidade de factos e assuntos que não se tornam notícia. Enquadrar é, por outro lado, inerente à produção discursiva jornalística. Uma vez que o jornalismo se baseia na produção discursiva acerca de referentes singulares, enquadrar é inevitável. Para terem e produzirem sentido num determinado contexto, os discursos jornalísticos propõem determinadas formas de olhar para o mundo, ou seja, de enquadrar o mundo (ORGAD, 2012).

A definição de enquadramento discursivo passa, em grande medida, pela formulação de Gamson e Modigliani (1987): é uma ideia organizadora que brota de um discurso, conferindo-lhe um significado particular. Assim, os enquadramentos revelam-se, em primeiro lugar, na organização do discurso, no que é dito e mostrado e no que, não sendo dito ou mostrado, é implícito ao discurso (GOFFMAN, 1975); mas também nas sugestões implícitas ou explícitas sobre o que está em causa (GAMSON, 1989); nos padrões de apresentação, seleção, ênfase, exclusão e interpretação (GITLIN, 1980); nas metáforas, frases feitas e exemplos e no encaixe das novidades em velhas molduras interpretativas (TRAQUINA, 2002). Enfim, “na seleção de certos aspetos de uma realidade percebida e a construção de mensagens que realcem ligações

entre esses aspetos, de forma a promover uma interpretação particular” (ENTMAN; MATTHES; PELLICANO, 2009, p. 176).

Os enquadramentos podem ter duas dimensões. A primeira dimensão diz respeito ao sentido imediato do discurso dentro de um determinado contexto cultural. A segunda dimensão diz respeito às interpretações que na própria peça jornalística possam ser discursivamente sugeridas pelo enunciador, com clareza ou opacidade, incluindo, por vezes, o estabelecimento de fronteiras entre o certo e o errado; o correto e o incorreto; o legítimo e o ilegítimo; o normal e o desviante (ORGAD, 2012).

Na linha de autores como Joly (1996), Silverstone (2002) ou Baldissera (2003), por imagens mediáticas podem considerar-se as representações discursivas construídas e sugeridas discursivamente pelos media para determinadas singularidades reais. Isso pode constituir-se em uma analogia entre a representação discursiva e o objeto representado, traduzir elementos autênticos dessas singularidades, mas também serem contaminadas pelos valores, interesses, objetivos e mesmo pelos preconceitos dos enunciadores. A imagem construída pelos media estrangeiros sobre o Brasil, no passado e na atualidade, associa o país, conforme se referiu e as pesquisas documentam, às belezas e recursos naturais, ao povo hospitaleiro e alegre, ao samba e ao Carnaval, ao futebol, mais do que à corrupção, violência e incapacidade política, traços recentes que foram contaminando o imaginário idealizado e romântico sobre o Brasil (SOUSA, 2004; HUGON, 2006; PAGANOTTI, 2007, 2009; SCHEYERL; SIQUEIRA, 2008; LOPES, 2010; VIANA, 2014, 2020; RASIA, 2014; BARRERE, 2017; LOPES; SOUSA, 2019).

Metodologia

Tomando-se a ideia de “metodologia” pela conotação que lhe dá Ander-Egg (2011), isto é, como sinónimo de uma estratégia dinâmica e flexível de articulação de ações que têm por fim alcançar uma meta, correspondendo, portanto, ao que se poderia designar por lógica processual de uma pesquisa científica, nesta investigação, de matriz hipotético-dedutiva, seguiu-se uma metodologia assente numa análise predominantemente qualitativa e extensiva do discurso verbal e visual das revistas *Ilustração Portuguesa* e *ABC* sobre o centenário da independência do Brasil. Os resultados foram hermenêuticamente interpretados desde um ponto

de vista histórico e cultural, portanto, mais heurístico do que linguístico, tendo por referente a conjuntura histórica do período selecionado (agosto a dezembro de 1922).

Encararam-se os discursos da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC* sobre o centenário da independência do Brasil como um resultado com significado de ações humanas com interpretação realizadas num contexto em que os sujeitos partilham, pelo menos parcialmente, um campo comum de significação, constituindo, tal como aconselha Scheufele (2008), um entendimento desses significados em aberto, um dos propósitos desta pesquisa. Buscou-se, pois, indutiva e contextualmente, detetar “as estruturas de significado coerentes” (SCHEUFELE, 2008, p. 967) e os “padrões de significado” (SCHEUFELE, 2008, p. 969) que emanam das matérias sobre o centenário da independência do Brasil publicadas pela *Ilustração Portuguesa* e pela *ABC* no período estudado. Procurou-se, assim, ao longo da investigação, clarificar e compreender os enquadramentos sobre a efeméride lançados por ambas as revistas entre agosto e dezembro de 1922, tendo por referente o que se sabe sobre o contexto da época.

Para a deteção e recolha de dados procedeu-se à leitura de todos os números da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC* publicados entre agosto e dezembro de 1922 (um total de 43 números publicados), dos quais se coletaram sistematicamente as matérias que se referissem às comemorações do centenário da independência do Brasil, *corpus* da investigação (um total de 44 peças, 22 referentes a cada revista).

A análise consistiu-se como qualitativa do discurso, desde uma perspectiva hermenêutica cultural não crítica, matizada pela compreensão interpretativa do discurso das revistas sobre a efeméride. A análise do discurso incidiu nas sequências discursivas e nos exemplos iconográficos que mais nitidamente, na perspectiva intersubjetiva dos investigadores, pudessem traduzir os enquadramentos sobre o centenário da independência do Brasil. Os exemplos colhidos (sequências discursivas verbais e elementos iconográficos) foram, seguidamente, interpretados desde um olhar hermenêutico e heurístico, valorativo da compreensão do que estava em causa no contexto histórico em que foram produzidos.

Resultados e discussão

As imagens 1 e 2 da *Ilustração Portuguesa* acompanham a peça intitulada “O RAID Lisboa – Rio de Janeiro”, escrita em duas páginas e composta por um total de seis grandes

fotografias. A matéria fala da travessia do Atlântico pelos pilotos portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, uma aventura aérea descrita como “formidável impulso de coragem e na mais segura conquista da aeronáutica” (O RAID..., 5 ago. 1922, p. 131) e que fazia parte das comemorações do centenário da independência do Brasil que teria lugar dentro de um mês. No entanto, a viagem teve várias complicações, que obrigaram, inclusivamente, a que o aeroplano fosse substituído a meio da travessia.

O enquadramento discursivo (GOFFMAN, 1975; GAMSON; MODIGLIANI, 1987; TRAQUINA, 2002) da *ABC* e da *Ilustração Portuguesa* são diferentes, pois enquanto a primeira opta por não mencionar os desfortúnios da viagem, estes são discretamente repercutidos nas páginas da *Ilustração Portuguesa*, que os desvaloriza e organiza o seu discurso com a utilização de metáforas de forma a engrandecer o acontecimento: “O Lusitânia caiu, no caminho, como uma grande águia ferida pela fatalidade. Que importa? O heroísmo estoico das asas lusíadas continua levantando alto, como um troféu de estrelas e de bandeiras azuis” (O RAID..., 5 ago. 1922, p. 131). O entusiasmo é guardado para o dia da chegada ao Rio de Janeiro mostrado das páginas 585 a 590 da edição do dia 24 de junho da IP, quando a imagem dos pilotos ilustra a capa da revista e traz os seguintes títulos: “A vitória das asas”, “O vôo épico” “Aclamações populares da chegada dos heróis ao Brasil.

A travessia do Atlântico pelos pilotos portugueses seria assunto na *Ilustração Portuguesa* e na *ABC* em várias edições, preservando sempre o tom heroico do acontecimento. Ambas as publicações utilizam a mesma linha de relato assim como o mesmo género de fotografias: ora protocolares com os homens ilustres da sociedade portuguesa e brasileira, ora multidões nas ruas a homenagearem os aviadores portugueses no Brasil. No retrato coletivo da Figura 1, as honras concedidas a Gago Coutinho e Sacadura Cabral misturam-se, ao mesmo tempo, ao reconhecimento pessoal dos aviadores e à ideia de Portugal como país amigo.

A Figura 2 sugere, mais uma vez, a ideia de confraternidade entre Portugal e Brasil, já que evoca a presença de portugueses no Rio de Janeiro. A bandeira de Portugal, símbolo do país, ainda que colocada em plano de fundo, domina a imagem. As moças trajadas à moda do Minho reforçam os vestígios de portugalidade no Brasil, fortalecida pela presença dos homenageados Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Como verificaremos ao longo deste trabalho,

apesar da *Ilustração Portuguesa* e da *ABC* falarem do Brasil, o tema central volta-se para Portugal.

Aqui, as revistas assumem uma interpretação que coloca Portugal no centro da discussão, que, segundo Silverstone (2002), representa reconhecer os meios de comunicação como instituições sociais condutoras de significados, neste caso, da cultura portuguesa. Assim, nota-se que não obstante as matérias relatarem um acontecimento que esteja ligado ao centenário da independência do Brasil, esse facto não é mencionado, o destaque é dado quase que exclusivamente aos pilotos portugueses: “Não arrefece o entusiasmo dos nossos irmãos brasileiros para com os nossos aviadores, que continuam a receber [...] provas de simpatia que [...] redundam em prol do seu país” (*O RAID...*, 5 ago. 1922, p.131).

Figura 1 - Gago Coutinho e Sacadura Cabral ladeiam a esposa do marechal Hermes da Fonseca numa recepção no Clube Militar do Rio de Janeiro



Fonte: *Ilustração Portuguesa* (*O RAID...*, n.º 859, 5 ago. 1922, p. 130).

Figura 2 - Gago Coutinho e Sacadura Cabral no Orfeão Clube Português



Fonte: *Ilustração Portuguesa* (O RAID..., n.º 859, 5 ago. 1922, p. 130).

Na edição do dia 12 de agosto da *Ilustração Portuguesa* (Figura 3), uma multidão recebe Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Apesar de as imagens publicadas pelas revistas sobre os aviadores no Brasil serem semelhantes, para a *Ilustração Portuguesa*, eles seriam um dos exemplos da “regeneração da raça” que alimentava a ideologia republicana. Celebra-se, pois, nas homenagens de que foram alvo no Brasil, essencialmente um Portugal revigorado pela República. Enquanto a *Ilustração Portuguesa* faz uma abordagem altamente elogiosa e em total alinhamento com o Governo Português daquilo que acontecia no Brasil, a *ABC* foi apreendida e impedida de circular por ordem do Governo, provavelmente porque numa fotografia apreciam os rostos dos reis D. Carlos e D. Manuel II. As possíveis razões são explicadas na semana a seguir, em 17 de agosto de 1922 (O GOVERNO..., 17 ago. 1922, p. 2).

Figura 3 - Multidão recebe Gago Coutinho e Sacadura Cabral



Fonte: *Ilustração Portuguesa* (RAID AÉREO, 12 ago. 1922, p. 162). Créditos: Fotografia Lobo.

Na *Ilustração Portuguesa*, a crónica assinada por Avelino de Almeida, em agosto de 1922, descreve o convite oficial do Governo Brasileiro ao Presidente Português para assistir as comemorações do centenário de independência no Rio de Janeiro. O texto celebra Portugal no Brasil ao descrever o grande feito da mãe colonizadora que vê no centenário do filho colonizado o orgulho pela iminência da conquista de sua emancipação, o momento quando atinge a sua maioria. Portugal, segundo o autor, deu todas as bases ao Brasil e é o grande responsável pela transformação de uma terra selvagem em potência mundial: “um pequeno povo [que] quis e pôde ‘devassar, dominar, povoar, colonizar um território semi-virgem, palmilhado por tribos rarefeitas e erráticas [...], criando no espaço de três séculos um dos maiores impérios da terra, transfundindo-lhe a língua, a religião e as instituições jurídicas” (ALMEIDA, 19 ago. 1922, p. 169).

No mesmo registo, a partida do Presidente Português para o Brasil ganha a capa da *ABC* em 24 de agosto de 1922 (Figura 4), no sentido de que o destaque dado à notícia representa, portanto, o alto valor-notícia do acontecimento (GALTUNG; RUGE, 1965; TRAQUINA, 2002), uma proposta de enquadramento entendido como importante e notável (ORGAD, 2012). Podemos ver o busto de ambos os Presidentes sobre ramos de palmeiras representando vitória,

paz e vida eterna; em lados opostos, os respectivos chefes de estado, os brasões de Portugal e do Brasil simbolizando troca e proximidade; logo abaixo, a cruz insígnia da Ordem Militar de Cristo destinada a premiar os serviços relevantes prestados a Portugal³. Na legenda, a revista reforça a ideia de proximidade entre as nações: “o chefe do estado português, leva consigo todas as aspirações da Alma Portuguesa. Brasil e Portugal são duas pátrias irmãs unidas pelo mesmo ideal e tendo diante de si um grande futuro” (PORTUGAL-BRASIL, 24 ago. 1922, p. 1).

Figura 4 - Presidentes de Portugal e do Brasil na primeira página da *ABC*



Fonte: *ABC* (PORTUGAL-BRASIL, 24 ago. 1922, p. 1).

O acontecimento caracterizado fotograficamente na Figura 5 teve lugar em Portugal. Representantes – todos homens – da comunidade brasileira em Portugal são recebidos pelo Presidente da República, António José de Almeida, no Palácio de Belém, onde se deslocaram para desejar boa viagem ao Chefe de Estado de Portugal, de partida para o Brasil, onde se associaria às comemorações do centenário da independência. A fotografia é protocolar - mesmo porque tanto a *Ilustração Portuguesa* como a *ABC* usaram a mesma foto para noticiar o evento - mas de grande simbolismo, um retrato coletivo de personalidades portuguesas e brasileiras, capturada pelo conhecido fotógrafo Diniz Salgado (1895-1963). Como outras fotografias,

³ Mais informações sobre a Ordem de Cristo disponível em: <https://www.ordens.presidencia.pt/?idc=120>

sugere mistura e irmandade (todos os protagonistas, inclusivamente, estão ao mesmo nível). Mas o ato representado, em si, insinua respeito e consideração dos brasileiros residentes em Portugal pelo país que os acolheu.

Figura 5 - O Presidente da República, António José de Almeida, recebe representantes da comunidade brasileira em Portugal



Fonte: *Ilustração Portuguesa* (A COLÓNIA, 26 ago. 1922, p. 195); *ABC* (PORTUGAL-BRASIL, 24 ago. 1922, p. 8). Créditos: Diniz Salgado.

A bordo do paquete Porto, António José de Almeida partiu para Terras de Santa Cruz. O embarque do Presidente da República é repercutido nas páginas da *Ilustração Portuguesa* em 2 de setembro de 1922 e na *ABC* em 31 de agosto de 1922. As peças de ambas não estão assinadas e seguem a tendência de predomínio da imagem sobre o texto, característica marcante das revistas. As fotografias ilustram dois momentos distintos: o embarque presidencial, em Lisboa; e um pequeno aglomerado de homens ilustres formalmente trajados a aguardarem a chegada do Presidente, em terras brasileiras. Essas imagens dão a ideia de que o Chefe de Estado é admirado tanto em Portugal como no Brasil. A partida do Presidente Português foi um acontecimento tão importante que os relatos continuam na edição da semana seguinte. Com um tom lisonjeiro, a *Ilustração Portuguesa* destaca a “enorme multidão” curiosa que foi ver de perto a partida do Presidente da República. A frase que representa bem a forma como a *Ilustração Portuguesa* conduz a sua narrativa em relação ao Brasil pode ser sucintamente captada no seguinte excerto:

O Sr. Dr. António José de Almeida partiu a visitar Terras de Santa Cruz. Não é um facto simples este, mas antes da mais alta significação. O Brasil é um grande país moço e rico onde se fala a mesma língua, se professa a mesma religião, se sente da mesma maneira que neste nosso Portugal. O Brasil é apenas um Portugal mais exuberante, um Portugal maior. [...] Os velhos laços que nos ligam [...] apertar-se-ão ainda mais [...]. Esta circunstância permite-nos afirmar que os leitores da *Ilustração* serão condignamente informados e verão desfilar nas nossas páginas os melhores aspetos desta viagem triunfal (A VIAGEM..., 2 set. 1922, p. 234).

A cobertura na *ABC* é feita também de forma minuciosa. Em 31 de agosto de 1922, a viagem presidencial é detalhada em uma reportagem fotográfica e, como o próprio nome diz, o destaque é dado às imagens. A revista acompanhou todos os passos do Presidente desde o trajeto, feito de coche puxado a cavalo até o Porto Marítimo de Desinfecção, onde o vapor Porto se encontrava atracado e pronto a partir para o Brasil; a despedida “afetuosa” (A VIAGEM..., 31 ago. 1922, p. 21) feita aos jornalistas que representavam a imprensa portuguesa no local; assim como os cumprimentos de despedida de altos funcionários civis e militares. Semelhantemente à *Ilustração Portuguesa*, a *ABC* dá conta, portanto, do grande momento para os cidadãos portugueses que saíram às ruas para ver o Presidente da República. Contudo, a *ABC* vai além e apresenta, em tom crítico, outros detalhes que iriam destoar da ideia de viagem glamorosa. A revista denuncia o facto vexativo que obrigou o Presidente da República a ficar horas à espera de que o navio partisse, devido a falhas mecânicas. Indignada com o sucedido, a *ABC* “reclama um inquérito para os culpados desse estágio do mais alto representante de nação no Tejo, dentro dum barco parado” (A VIAGEM..., 31 ago. 1922, p. 4). As falhas foram tantas que a 7 de setembro o navio ainda se encontrava no Atlântico. O Presidente Português, na verdade, chegou atrasado à celebração do centenário da independência brasileira.

Assim como a travessia do Atlântico pelos pilotos portugueses, a Exposição Internacional do Rio de Janeiro fez parte das comemorações do centenário de independência do Brasil. A reportagem fotográfica da *Ilustração Portuguesa* repercutiu, em quatro páginas da edição do dia 9 de setembro de 1922, os trabalhos de autoria de artistas portugueses: “A arte portuguesa, como a indústria, como todas as manifestações da nossa atividade e da nossa inteligência, vai ter uma larga representação na próxima exposição da capital do Brasil” (A EXPOSIÇÃO..., 9 set. 1922, p. 246).

Mais à frente, em 14 de setembro de 1922, a *ABC* evidencia um momento menos glamoroso, quando uma torre do pavilhão português da Exposição do Rio de Janeiro desabara. A revista é duramente crítica sobre a construção, que acusa de estar cheia de “toda a série de desleixos imperdoáveis. Não presidiu a essa obra um sã critério” (OS DESASTRES..., 14 set. 1922, p. 9). Também acusa o Governo português de “política de favoritismo” ao nomear o engenheiro militar Ventura Malheiro Reymão, que, segundo afirma, nunca fizera um trabalho notável de engenharia.

A revista também desaprova o modo como foi feito o transporte, de Portugal para o Brasil, dos objetos que representariam a cultura portuguesa, que chegaram como “cacos” em “caixotes com a designação de ‘frágil’ [que] foram tratados como se contivessem ferro” (OS DESASTRES..., 14 set. 1922, p. 9). A revista aponta como um dos culpados o comissário da exposição, um antigo barbeiro, Dr. Afonso Costa, que teria recebido três libras em ouro por dia, mas “cuja incompetência há de juntar o resto” (OS DESASTRES..., 14 set. 1922, p. 9). Toda essa peça é uma desaprovação direta ao Governo português, acusado pela *ABC* de fazer política e de ter perdido a oportunidade de mostrar-se “grande” perante o Brasil e as outras nações que estavam ali representadas.

Mais à frente, a *ABC* publica um outro capítulo da história sobre Portugal na exposição internacional. Com o título “A bicha para o Rio de Janeiro”, o tom escolhido foi o irônico, acompanhado, desta vez, de uma ilustração caricata sobre o acontecimento, chamado de “escândalo”. Segundo a revista, tratou-se da ida com despesas pagas e ordenados elevados de vários funcionários do Comissariado da Exposição e artistas. A apreciação centra-se no facto de que estas pessoas nada teriam o que fazer no Rio de Janeiro, visto que os pavilhões ainda não estariam construídos. A desaprovação centra-se, uma vez mais, nas decisões tomadas pelos políticos portugueses:

É curiosíssimo que vivendo nós num país onde não é possível a qualquer cidadão sair as portas da cidade sem figurar no “carnet mondain” tão ocultamente tivessem ido até ao Guanabara tais cómicos, bailarinas e cantores (chanteurs?) sem que o próprio comissário geral da exposição se pudesse opor pois parece ter ele sido obrigado a conduzir no seu barco todos aqueles pupilos do governo pagos com o dinheiro da nação. [...] (A BICHA..., 5 out. 1922, p. 5).

O centenário da independência do Brasil teve, portanto, valor e foi selecionado como notícia por obedecer a critérios de noticiabilidade. O interesse na cobertura mediática do acontecimento centra-se no facto da notoriedade do país, um dos maiores do mundo; na proximidade linguística e histórica. A apresentação de várias notícias que envolveram as festas do centenário justifica-se também na sua tangibilidade e no carácter concreto passível de ser observado como uma singularidade ou um conjunto interligado de singularidades bem delimitadas; a ausência de ambiguidade no significado do acontecimento; o facto de se tratar de uma efeméride, funcionando como um *gancho* para a notícia; e mesmo a facilidade com que a cobertura do evento podia fazer-se.

A abordagem das festas da independência do Brasil, que ocorrera em 7 de setembro, foi feita pela *Ilustração Portuguesa* somente nove dias depois, a 16 de setembro. Segundo a revista, todos os dias eram enviadas notícias através de telégrafo. Mesmo assim, a distância entre os dois países dificultava a rápida transmissão de informação, uma comum característica daquele momento da história do jornalismo. A reportagem fotográfica fala das celebrações tanto no Brasil como em Portugal e é chamada de “grande acontecimento do mês”. Ali, como em outros textos, a *Ilustração Portuguesa* comunica com os seus leitores tendo como ponto central da abordagem a proximidade entre os dois países: “As suas conquistas, os seus notáveis progressos, é como se nossos fossem. [...] É o mesmo sangue, é a mesma raça” (AS FESTAS..., 16 set. 1922, p. 268).

Fala-se das recepções que tiveram lugar no Palácio do Cattete, das “grandiosas manifestações” realizadas na capital federal do Brasil e em Lisboa, mas sempre de forma genérica e sem nunca detalhar tais acontecimentos. Outra característica da *Ilustração Portuguesa* era fazer referência às notícias que eram publicadas no jornal *O Século*, que integrava o mesmo grupo editorial. Desta forma, percebe-se que seria *O Século* a tratar minuciosamente os acontecimentos. À *Ilustração Portuguesa* caberia um tratamento da informação mais ligado ao *soft news* com um texto subjetivo, pouco centrado em factos e muito adjetivado.

Quanto ao dia 7 de setembro, no lugar de dar destaque às festas de comemorações do centenário de independência em Portugal ou no Brasil, a *ABC* apresenta uma abordagem mais histórica e crítica à emancipação do Brasil. Na matéria “O centenário da independência do

Brasil”, de duas páginas inteiras, a revista descreve os principais acontecimentos que ocorreram entre 7 de setembro de 1822 e os cem anos seguintes.

Na edição da semana seguinte, em 14 de setembro de 1922, a *ABC* continua com a mesma vertente histórica, mas desta vez a tratar do simbolismo do centenário de independência do Brasil, como que a explicar aos seus leitores como se deu o acontecimento. Assim como a *Ilustração Portuguesa*, a *ABC* reforça a ligação entre os dois países e destaca, mesmo ao lamentar a mudança de regime de governo, a importância da Monarquia Portuguesa para a fundação da República Brasileira.

O escritor Albino Forjaz de Sampaio assina o texto da seção “Cronica” da *Ilustração Portuguesa*, que relata a viagem do Presidente da República português ao Brasil:

Uma viagem verdadeiramente triunfal que deve exercer perduráveis efeitos nas relações entre os dois países, iguais na língua, iguais no sentimento, iguais na civilização e nos costumes. Portugal não tem tantas afinidades com outro país como tem com o Brasil. O Brasil é Portugal na América como Portugal é o Brasil na Europa (SAMPAIO, 23 set. 1922, p. 289).

Apesar de ressaltar a forte ligação e a mútua admiração entre os dois países, o autor discorre criticamente sobre a relação entre ambas as nações e afirma que seria necessário que Portugal fosse “útil ao Brasil”, um país ainda desconhecido dos portugueses. Sampaio indaga o motivo pelo qual isso aconteceria: “Em Portugal pouco se conhece do Brasil. Será da falta de imigração brasileira para Portugal. Será da falta de propaganda do grande país entre nós?” (SAMPAIO, 23 set. 1922, p. 289). Nesta peça, apercebemo-nos de que muito da cultura brasileira seria desconhecida para a maioria dos portugueses e uma vez mais a *Ilustração Portuguesa* coloca Portugal no centro da discussão: Portugal seria uma referência cultural para os brasileiros, mas o contrário não aconteceria, o Brasil não seria profundamente conhecido dos portugueses.

O Presidente da República Portuguesa continua o foco principal da *Ilustração Portuguesa* na edição de 14 de outubro de 1922. Nesse número, a revista dedica ao Chefe de Estado uma foto de perfil que ocupa toda uma página, a abrir a edição; a “Cronica”, desta vez sem assinatura autoral, seguida de duas grandes fotos a ilustrarem a viagem presidencial; e uma reportagem fotográfica intitulada “O Sr. Dr. António José D’Almeida no Brasil” (Figuras 6 e 7). Pouco é dito sobre o centenário da independência ou mesmo sobre o Brasil. O foco é o

grande homem português, eficiente, forte de caráter sem deixar de ser sensível às emoções e, como as figuras 7 e 8 demonstram e como a revista parece defender, admirado e aclamado como pai da Nação Portuguesa, mas também do jovem país sul-americano que acabara de completar cem anos de emancipação. O destaque é dado à exuberante imagem de página inteira do cortejo presidencial em direção ao Palácio Guanabara, no dia da chegada do Presidente Português ao Brasil (Figura 8).

Figura 6 - Presidentes da República do Brasil e de Portugal, Epitácio Pessoa e António José de Almeida, no Rio de Janeiro



Fonte: *Ilustração Portuguesa* (O SR. DR. ANTÓNIO..., 14 out.1922, p. 372).

Figura 7 - Cortejo presidencial na recepção do Presidente da República Portuguesa no Rio de Janeiro



Fonte: *Ilustração Portuguesa* (O SR. DR. ANTÓNIO..., 14 out. 1922, p. 373).

Figura 8 -Cortejo presidencial na recepção do Presidente da República Portuguesa no Rio de Janeiro



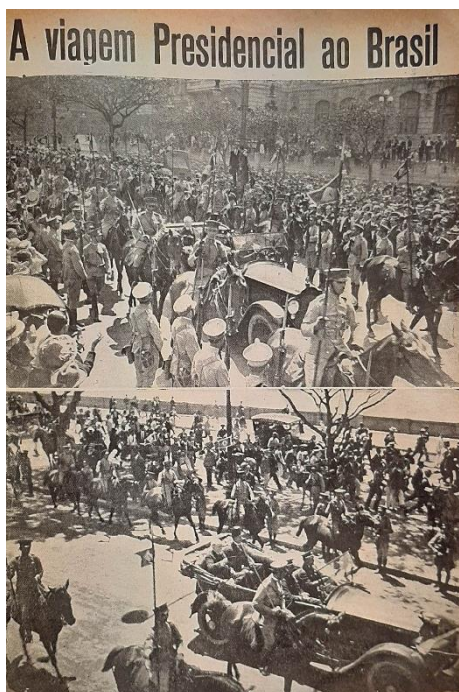
Fonte: *Ilustração Portuguesa* (O SR. DR. ANTÓNIO..., 14 out. 1922, p. 374).

Enquanto a *Ilustração Portuguesa* dedica várias páginas escritas sempre acompanhadas de muitas imagens à ida e estadia do Presidente da República no Brasil, a *ABC* opta por uma cobertura mais discreta e repercute a viagem presidencial em duas edições. A primeira delas traz duas fotos que preenchem uma página (Figura 9), acompanhadas de uma breve legenda: “O cortejo na Avenida Rio Branco – Após o desembarque na Praia do Flamengo” (A VIAGEM..., 12 out. 1922, p. 5). Pelo vigor das imagens, podemos ver a grandiosidade da recepção que foi atribuída ao Presidente Português, que passa de carro aberto, ladeado por homens do Exército Brasileiro a cavalo, enquanto, possivelmente, milhares de pessoas nas ruas o saúdam e observam o cortejo a passar.

A segunda edição da *ABC* dedicada ao Presidente Português no Brasil, por sua vez, é mais extensa e combina texto e imagem em quatro páginas completas. Mesmo que não esteja assinada, a peça está escrita em primeira pessoa e relata toda a viagem do Presidente da República. Este jornalista, portanto, teria participado da viagem e tinha como objetivo fazer uma “descrição cinematográfica” apontando detalhes que não vimos referidos pela *Ilustração Portuguesa*. Um episódio curioso seria o facto de que o dia 7 de setembro, dia de comemoração do centenário de independência e motivo pelo qual o chefe de Estado se dirigia ao Brasil, foi

passado dentro do navio. A comitiva, na verdade, só chegaria à Baía de Guanabara, no porto do Rio de Janeiro, a 17 de setembro “por entre sobressaltos e incertezas” (A VIAGEM..., 19 out. 1922, p. 4).

Figura 9 - O cortejo de recepção ao Presidente da República Portuguesa na Avenida Rio Branco



Fonte: ABC (A VIAGEM..., 12 out. 1922, p. 5).

Foram muitas as fotografias que ilustraram todos os factos apresentados pela *Ilustração Portuguesa* e pela ABC. Contudo, a grande imagem que representa a cobertura das festas de comemoração do centenário de independência do Brasil é a capa da *Ilustração Portuguesa* de 04 de novembro de 1922 (Figura 10). Vibrantemente colorida, está cheia de simbolismo e é a interpretação máxima daquilo que a revista defendeu ao longo da cobertura do acontecimento: a união entre ambos os países. Ali, podemos ver duas figuras a beijarem-se na boca. A primeira personagem é um anjo envolto na bandeira portuguesa, que cobre quase completamente o seu corpo; encontra-se em uma posição superior, dominante e representa uma proteção vinda do céu sobre o Brasil. O segundo protagonista encontra-se no plano inferior, representado como uma jovem mulher trajando um vestido feito com a bandeira brasileira; podemos ver os contornos do seu corpo e a parte lateral do pescoço, exposto e mais vulnerável. No céu, estão localizados o Cruzeiro do Sul, uma constelação de cinco estrelas que só pode ser visualizada

do hemisfério sul e de grande simbolismo no Brasil, e a Estrela Polar, que, por sua vez, só pode ser avistada do hemisfério norte, representando, portanto, Brasil e Portugal, respectivamente. As figuras tocam-se nas mãos que estão pousadas sobre o coração da mulher e beijam-se nos lábios, não eroticamente, mas como uma comunhão de afetos que liga duas nações identificadas pela raça, pelas instituições, pela língua e pela história, o orgulho de ambas. Assim, “O beijo através dos oceanos”, alegoria cujo autor é identificado como Mora, é uma alusão ao centenário da independência do Brasil, porém, em nota de rodapé na página 333, a revista esclarece que essa imagem é uma reprodução publicada primeiramente pela *Revista da Semana*, do Rio de Janeiro, em 15 de abril de 1922⁴, aquando da chegada dos pilotos portugueses ao Brasil.

Figura 10 - Capa da *Ilustração Portuguesa* (“O beijo através do Atlântico”)



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 4 nov. 1922, capa.
Créditos: Mora (obra publicada na *Revista da Semana*, do Rio de Janeiro).

⁴ Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=025909_02&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=2404.
Acesso em: 25 maio 2021.

Conclusões

O centenário da independência brasileira foi coberto de maneira extensiva e detalhada ao longo de vários meses pelas duas revistas ilustradas de informação geral que circulavam em Portugal em 1922: a *Ilustração Portuguesa* e a *ABC*. O enquadramento dado à efeméride tem como base as ideias fortes da narrativa da *Ilustração Portuguesa* que remetem para o imaginário da afinidade entre os povos de Portugal e do Brasil: os brasileiros são “irmãos” dos portugueses e a ambição de Portugal é abraçar indissolúvelmente o Brasil. A *Ilustração Portuguesa* trata as festividades do centenário de independência do Brasil com uma interpelação quase que exclusivamente adulatoria e tendo como foco central Portugal, principalmente, na figura do Presidente da República e dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

A *ABC* possui uma abordagem ligeiramente diferente. Ainda que não abandone a imagem de união entre os dois países, é mais analítica e centrada nos factos com a interpelação de assuntos mais diversificados. Optou por uma perspetiva crítica em relação à República, justificada pela figura de seu diretor Rocha Martins, um monárquico. Desse facto, excetua-se a pessoa do Presidente da República, que é aquele, devido à forte noticiabilidade da personagem – em teoria, a pessoa mais importante de Portugal – de quem a revista *ABC* mais falou e de forma favorável. Essa revista desenvolve, efetivamente, um jornalismo investigativo e denunciador e usa um tom perscrutador nas suas peças. Nada disso foi identificado nas páginas da *Ilustração Portuguesa*, francamente adulatorias para o poder governamental republicano, que em caso algum belisca.

A partir da análise, podemos também saber um pouco mais sobre como o jornalismo do início do século passado operava com a transmissão da informação (por meio de telégrafo), sem a capacidade de repercutir com imediatismo os acontecimentos, especialmente justificado pela distância física entre os dois países. A partir desses episódios, a importância das publicações periódicas para entender melhor a realidade social de tempos históricos de onde já não podemos aceder diretamente aos seus atores, é notória. Apesar disso, aquilo que as revistas ilustradas de informação geral noticiaram sobre o centenário de independência não pode ser entendido como um reflexo perfeito da realidade nem prova absoluta da sociedade daquele período, mas sim, indícios que, ao serem analisados, ajudam a construir um entendimento sociodiscursivo da sociedade da época. Essa asserção reforça a ideia de que o jornalismo não é fechado. Com suas

fronteiras difusas em relação ao campo enorme da comunicação social, em alguns momentos, se sobrepõe mesmo ao campo da história (REIS, 1993).

A imagem tem grande importância tanto para a *Ilustração Portuguesa* como para a *ABC*, com predomínio da imagem sobre o texto e um apelo ao emotivo mais do que o racional, característica marcante das revistas. As imagens de uma e outra possuem sempre grande destaque e contribuem, aos seus modos, para consolidar as ideias sugeridas no texto verbal, que algumas vezes revelam uma mistura e irmandade entre Brasil e Portugal, enquanto em outras dá destaque exclusivo a Portugal.

A partir da análise das notícias publicadas pelas revistas, identificamos três facetas distintas como mensagem representativa do Brasil. A primeira delas diz respeito à distribuição a uma larga audiência das informações, em si, fazendo com que se tornem assuntos de discussão na esfera pública. Isso quer dizer que em Portugal, durante o período da análise, falou-se muito do Brasil, mesmo que de forma secundária. A segunda defende que a disseminação dessa mensagem nos meios de comunicação lhe proporciona legitimidade, visto que existe a tendência de se acreditar nos factos que são publicados nos media. E, por último, e naquela em que se centra quase toda a discussão sobre o poder dos media, é o enquadramento com os quais a informação é apresentada, condicionando a sua visibilidade. Portanto, aquilo que foi noticiado pela *Ilustração Portuguesa* e pela *ABC* sobre o centenário de independência do Brasil ganhou legitimidade junto à população portuguesa.

Assim, mesmo passados cem anos da independência brasileira, as representações mediáticas do Brasil na imprensa portuguesa, mais especificamente na *Ilustração Portuguesa* e na *ABC*, refletiram uma construção lusocêntrica, redutora e estereotipada, que valoriza as características de semelhança do Brasil em relação a Portugal e desvaloriza, por total omissão, as características de diferenciação do Brasil em relação a Portugal e, sobretudo, a diversidade do Brasil, os “Brasis” dentro do Brasil.

Referências

A BICHA para o Rio de Janeiro. *ABC – Revista Portuguesa*, Lisboa, p. 5, 5 out. 1922.

A COLÓNIA. *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, p. 195, 26 ago. 1922.

- A EXPOSIÇÃO do Rio de Janeiro. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, p. 246, 9 set. 1922.
- AS FESTAS de independência do Brasil. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, p. 267-268, 16 set. 1922.
- ALMEIDA, Avelino de. Crónica. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, p. 169, 19 ago. 1922.
- A VIAGEM presidencial ao Brasil. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, p. 234-235, 2 set. 1922.
- A VIAGEM presidencial ao Brasil. **ABC – Revista Portuguesa**, Lisboa, p. 21, 31 ago. 1922.
- A VIAGEM presidencial ao Brasil. **ABC – Revista Portuguesa**, Lisboa, p. 4, 31 ago. 1922.
- A VIAGEM presidencial para o Brasil. **ABC – Revista Portuguesa**, Lisboa, p. 4, 19 out. 1922.
- A VIAGEM presidencial ao Rio de Janeiro. **ABC – Revista Portuguesa**, Lisboa, p. 5, 12 out. 1922.
- ANDER-EGG, Ezequiel. Metodologias da animação sociocultural. In: LOPES, Marcelino de Sousa (coord.). **Metodologias de investigação em animação sociocultural**. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 2011. p. 4-26.
- BALDISSERA, Rudimar. Imagem-conceito: a indomável orgia dos significados. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Rudimar-Baldissera/publication/228368765_Imagem-conceito_a_indomavel_orgia_dos_significados/links/54abdd390cf2ce2df66918cf/Imagem-conceito-a-indomavel-orgia-dos-significados.pdf. Acesso em: 22 jan. 2021.
- BARRERE, Luana Lisboa. **Representações do Brasil e do brasileiro no discurso do jornal espanhol *El País* no contexto pré-copa Fifa de 2014**. 2017. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil, 2017.
- BIGNAMI, Rosana. **A imagem do Brasil no turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- ENTMAN, Robert M.; MATTHES, Jörg; PELLICANO, Lynn. Nature, sources, and effects of news framing. In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas (ed.). **The handbook of journalism studies**. New York: Routledge, 2009. p. 175-190.
- GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The structure of foreign news. The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. **Journal of Peace Research**, v. 2, n. 1, p. 64-90, 1965.

GAMSON, William. News as framing. **American Behavioural Scientist**, v. 33, n. 2, p. 157-161, 1989.

GAMSON, William A., MODIGLIANI, Andrew. The changing culture of affirmative action. In: BRAUNGART, R. (ed.), **Research in political sociology**. New York: Jai Press, 1987. v. 3, p. 137-177.

GITLIN, Todd. **The whole world is watching**: mass media in the making and unmaking of the new. Los Angeles: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**: an essay on the organization of experience. Boston: Northeastern University Press, 1975.

HUGON, Stéphane. O Brasil mítico dos franceses. **Revista FAMECOS**, v. 13, n. 31, p. 20-23, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3388/2653>. Acesso em: 28 mar. 2021.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

LOPES, Ana Suely; Sousa, Jorge Pedro. Transições na imagem do Brasil em Portugal veiculada pela imprensa: um estudo sobre as matérias publicadas nas revistas ilustradas portuguesas (1834-1922). **P2P & Inovação**, v. 6, n. 1, p. 257-269, 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/4955>. Acesso em: 3 mar. 2021.

LOPES, Maria Cecília. **A imagem do Brasil no jornalismo estrangeiro**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/13484/1/Maria%20Cecilia%20Lopes.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2021.

O GOVERNO e o ABC. **ABC – Revista Portuguesa**, Lisboa, p. 2, 17 ago. 1922.

O RAID Lisboa-Rio de Janeiro. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, n. 859, p. 130-131, 5 ago. 1922.

ORGAD, Shani. **Media representation and global imagination**. Cambridge: Polity Press, 2012.

OS DESASTRES da Exposição Portuguesa do Rio de Janeiro. **ABC – Revista Portuguesa**, Lisboa, p. 9, 14 set. 1922.

O SR. DR. ANTÓNIO José D’Almeida no Brasil. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, p. 372-374, 14 out. 1922.

PAGANOTTI, Ivan. Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais, **RuMoRes**, [S.l.], v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51102>. Acesso em: 25 nov. 2019.

PAGANOTTI, Ivan. Imagens do Brasil turístico nas páginas do *New York Times*. **Pensamento e Realidades**, ano 12, v. 24, n. 2, p. 47-64 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pensamentorealidade/article/view/7083>. Acesso em: 26 fev. 2021.

PORTUGAL-BRASIL. **ABC – Revista Portuguesa**, Lisboa, p. 1, 24 ago. 1922.

RASIA, Régis Orlando. O olhar estrangeiro sobre o Brasil nos documentários de Rogério Sganzerla. **Doc On-Line**, n. 16, p. 72-98, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5362856>. Acesso em: 24 maio 2021.

REIS, António. O jornalista e o historiador: aproximações e diferenças. **Penélope**: revista de história e ciências sociais, n. 12, p. 135-142, 1993. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-PT&as_sdt=0%2C5&q=O+jornalista+e+o+historiador%3A+aproxima%C3%A7%C3%B5es+e+diferen%C3%A7as&btnG=. Acesso em: 24 mar. 2021.

SAMPAIO, Albino Forjaz de. Crónica. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, p. 289, 23 set. 1922.

SCHEUFELE, Bertram. Content analysis, qualitative. In: DONSBACH, Wolfgang (ed.). **The international encyclopedia of communication**. Malden: Blackwell Publishing, 2008. v. 3, p. 967-972.

SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Sávio. O Brasil pelo olhar do outro: representações de estrangeiros sobre os brasileiros de hoje. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 47, n. 2, p. 375-391, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/fLgvBfQNVGqQ8hd7W55b9Bd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2021.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. Imagens do Brasil na imprensa portuguesa de grande circulação. **Cadernos de Estudos Mediáticos**, III, p. 93-176, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Veja! Nas origens do jornalismo iconográfico em Portugal**: um contributo para uma história das revistas ilustradas portuguesas (1835-1914). Porto: Media XXI, 2017.

STEPHENS, Mitchell. **A history of news**: from the drum to the satellite. New York: Penguin Books, 1988.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera Editores, 2002.



VERÓN, Eliseo. **La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes**. Buenos Aires: Paidós, 2013.

VIANA, Bruno César Brito. **A imagem do Brasil na mídia impressa portuguesa**. Um estudo de caso do Diário de Notícias e do Público. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16424>. Acesso em: 22 fev. 2021.

VIANA, Bruno César Brito. **O Brasil que é notícia: as representações jornalísticas nos media on line portugueses em 2016**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2020. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-PT&as_sdt=0%2C5&q=O+Brasil+que+%C3%A9+not%C3%ADcia%3A+as+representa%C3%A7%C3%B5es+jornal%C3%ADsticas+nos+media+on+line+portugueses+em+2016&btnG=... Acesso em: 26 jan. 2021.

Submetido em: 16.06.2021

Aprovado em: 04.02.2022

